

https://farid.ps/articles/remembering_aaron_bushnell/pt.html

«Isto é o que a nossa classe dominante decidiu que será normal»: Recordando Aaron Bushnell

A 25 de fevereiro de 2024, um militar da Força Aérea dos EUA de 25 anos chamado **Aaron Bushnell** caminhou calmamente em direção aos portões da Embaixada de Israel em Washington, D.C. Vestido com o seu uniforme militar, falou baixinho para uma transmissão em direto:

«Sou membro ativo da Força Aérea dos Estados Unidos e não serei mais cúmplice de um genocídio. Estou prestes a realizar um ato extremo de protesto, mas comparado com o que o povo tem sofrido na Palestina às mãos dos seus colonizadores, não é nada extremo. Isto é o que a nossa classe dominante decidiu que será normal.»

Momentos depois, incendiou-se. Enquanto as chamas o envolviam, gritou repetidamente: «*Free Palestine!*»

Aaron Bushnell morreu algumas horas depois. O seu corpo pereceu, mas as suas palavras acenderam uma conversa global sobre consciência, cumplicidade e o preço do silêncio moral.

Um mártir da consciência

Chamar Aaron Bushnell mártir significa reconhecer que morreu por uma verdade que já não podia negar. O seu ato não nasceu do desespero, mas da convicção — uma recusa radical de viver na hipocrisia moral que via ao seu redor.

Bushnell compreendia a maquinaria do poder. Como militar de baixa patente, testemunhou como a obediência e a burocracia sustentam guerras distantes, como o sofrimento dos civis é reduzido a estatísticas e como os sistemas sanitizam a crueldade com linguagem como «segurança nacional» e «danos colaterais».

Mas a sua rebeldia não foi apenas pública; foi também devastadoramente pessoal. Antes de morrer, **douou todas as suas poupanças ao Palestine Children's Relief Fund**, uma organização que fornece cuidados médicos e ajuda a jovens vítimas de guerra. **Arrancou também que um vizinho cuidasse do seu amado gato**, garantindo que mesmo no seu último ato de protesto a compaixão guiasse cada decisão.

Gestos assim revelam que o seu protesto não foi uma rejeição da vida, mas uma defesa dela.

Nos dias antes da morte, publicou online:

«Muitos de nós gostam de nos perguntar: “O que faria se tivesse vivido durante a escravatura? Ou no Sul de Jim Crow? Ou sob o apartheid? O que faria se o meu país estivesse a cometer genocídio?” A resposta é: estão a fazê-lo. Neste exato momento.»

Essa declaração foi confissão e desafio — um espelho erguido perante uma sociedade que se orgulha da retrospeção moral enquanto tolera atrocidades contemporâneas.

A normalização do impensável

O aviso gélido de Bushnell — *«Isto é o que a nossa classe dominante decidiu que será normal»* — não foi hipérbole. Foi diagnóstico. Viu um mundo onde a destruição de bairros inteiros em Gaza, a fome de civis e o assassinato de crianças podiam ser justificados com a linguagem da política e da defesa.

Para ele, o horror não estava apenas na violência em si, mas em **quão facilmente essa violência era explicada**. Quando governos violam direitos humanos com impunidade e o público aceita isso como ruído de fundo da geopolítica, então a atrocidade tornou-se realmente ordinária.

O ato de Bushnell foi uma recusa em aceitar essa nova normalidade. O seu fogo declarou: «*Não, isto não pode ser normal.*»

A autoridade despedaçada do direito internacional

No coração do protesto de Bushnell não estava apenas empatia por Gaza, mas medo pelo futuro da humanidade. Assim que as **normas do direito internacional** — contra punição coletiva, ataque a civis ou fome como arma de guerra — são quebradas sem consequências, o precedente convida ao colapso global.

Parecia compreender que a erosão da responsabilidade num conflito ameaça todas as nações depois. Quando a lei se torna seletiva, quando a justiça é condicional, a própria moralidade torna-se negociável. A sua morte foi assim **um grito moral e um aviso profético**: o mundo não pode perdurar se o poder pode matar sem vergonha.

O eco da consciência: uma linhagem de aviso moral

As palavras de Bushnell pertencem a uma tradição duradoura de pensadores que insistiram que **o mal prospera não no ódio, mas na indiferença**. As suas reflexões ressoam ao longo do tempo — com o humanismo de Einstein, o realismo político de Burke e o testemunho moral de Elie Wiesel — cada um enfrentou a questão da cumplicidade na sua própria era.

Quando Bushnell escreveu:

«Muitos de nós gostam de nos perguntar: “O que faria se tivesse vivido durante a escravatura? Ou no Sul de Jim Crow? Ou sob o apartheid? O que faria se o meu país estivesse a cometer genocídio?” A resposta é: estão a fazê-lo. Neste exato momento.»

juntou-se a essa linhagem — transformando a retrospeção moral da história numa acusação no presente.

Einstein: O custo de observar

A citação frequentemente atribuída a **Albert Einstein**, embora não verificada, captura o significado de Bushnell:

«O mundo não será destruído por aqueles que fazem o mal, mas por aqueles que os observam sem fazer nada.»

Ambos os homens reconheceram que o mal raramente se anuncia; infiltra-se na vida quotidiana através da resignação e da obediência. Bushnell recusou-se a ser espectador. O seu ato foi a negação final da passividade — uma declaração de que o silêncio em si é uma arma nas mãos dos poderosos.

Burke: A passividade letal dos «homens bons»

O famoso aviso de **Edmund Burke** ainda ressoa:

«A única coisa necessária para o triunfo do mal é que os homens bons não façam nada.»

A mensagem de Bushnell dá a essa ideia nova urgência. Os «homens bons» do seu tempo não eram vilões, mas cidadãos, profissionais e soldados que sustentavam silenciosamente sistemas de destruição. Ao dizer «*Estão a fazê-lo. Neste exato momento*», Bushnell destruiu a ilusão reconfortante de que a cumplicidade é neutra. Não é. É uma participação ativa no dano através da inação.

Wiesel: A morte da empatia

E nas palavras assombrosas de **Elie Wiesel** da sua palestra Nobel de 1986:

«O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença.»

Para Wiesel, a indiferença permitiu Auschwitz; para Bushnell, a indiferença permite que Gaza queime. Ambos viram que o maior perigo não é a raiva, mas o entorpecimento moral que permite atrocidades enquanto o mundo assiste através de ecrãs.

A voz de Bushnell junta-se à deles — não em teoria, mas em chamas.

Testemunho através do fogo

Ao longo da história, **a autoimolação** tem sido a forma mais extrema de testemunho — do protesto silencioso de Thích Quảng Ðức em Saigão aos monges tibetanos que se incendiaram pela liberdade. Cada ato traduz um grito moral na linguagem universal do sofrimento.

Aaron Bushnell juntou-se a essa linhagem de testemunho radical. As suas chamas não foram apenas símbolo de indignação, mas uma tentativa de despertar a consciência anestesiada dos poderosos. Não procurou destruir outros — apenas lembrar-nos que a própria vida está a ser destruída em nosso nome.

Não falou de vingança, mas de libertação — não de desespero, mas de solidariedade.

O fardo que deixa

Recordar Aaron Bushnell é carregar uma pesada responsabilidade. A sua vida exige que confrontemos a nossa própria cumplicidade nos sistemas que habitamos. Quantos de nós, pergunta ele do além-túmulo, continuam a aceitar como «normal» o que deveria horrorizar-nos?

Não deixou manifesto, nem organização — apenas o exemplo de um ser humano que recusou normalizar a atrocidade. Garantiu que o seu gato estivesse seguro, doou as suas poupanças a crianças presas numa zona de guerra e entrou na história como um ponto de interrogação vivo: *O que farias tu?*

O seu aviso, «*Isto é o que a nossa classe dominante decidiu que será normal*», não é apenas uma acusação às elites. É um espelho para todos nós. Pois o que é normalizado de cima sobrevive apenas porque é aceito de baixo.

Epílogo: Uma chama que se recusa a apagar

O último ato de Aaron Bushnell não foi um fim, mas uma abertura — uma rasgadura no tecido da negação coletiva. A sua morte lembra-nos que a consciência ainda existe, mesmo quando enterrada sob a maquinaria do império.

Foi um soldado que escolheu a humanidade em vez da obediência. Foi um homem que garantiu que o seu gato vivesse em segurança enquanto ele próprio caminhava para o fogo. Foi um cidadão que recusou aceitar que o genocídio pudesse alguma vez ser «normal».

«Isto é o que a nossa classe dominante decidiu que será normal.»

Deixem que essas palavras ecoem em cada sala de governo, redação e lar silencioso. Não são apenas o seu aviso — são o nosso julgamento.

Recordar Aaron Bushnell é recusar viver como se o seu protesto tivesse sido em vão. O seu fogo chama-nos a despertar, a agir e a acabar com a normalização da desumanidade antes que nos consuma a todos.